

# BOLETIM DE PSICOLOGIA

ANOS  
VII e VIII

SETEMBRO E DEZEMBRO DE 1955  
MARÇO DE 1956

Nos. 25, 26 e 27

## COLABORAÇÃO

<i>Poderá o ácido glutâmico favorecer a aprendizagem da leitura e da escrita? — Arrigo Leonardo Angelini .....</i>	1
<i>Como o laboratorio de psicologia estuda a expressão da personalidade — Carolino Martuscelli Bori .....</i>	7
<i>Centros de estudos e orientação — Mathilde Neder .....</i>	27
<i>Investigação da personalidade no Curso do Processo Judicial — Odette Lourenção .....</i>	39
<i>Crítérios em uso na moderna psicologia — Noemy Silveira Rudolfer .....</i>	45

## INFORMAÇÕES

<i>Sociedade de Psicologia de São Paulo .....</i>	54
<i>Bibliografia .....</i>	60
<i>Noticiário .....</i>	66

# COMO O LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA ESTUDA A EXPRESSÃO DA PERSONALIDADE

CAROLINA MARTUSCELLI BORI

## INTRODUÇÃO

Um rápido exame da bibliografia psicológica revela que somente nos últimos quarenta anos o estudo da personalidade, abordado através de uma multiplicidade de direções, alcançou um maior progresso no seu aspecto conceptual e experimental.

Este desenvolvimento recente pode ser descrito em termos de cinco áreas de interesse: a) novos métodos para avaliar os instrumentos usados; b) provisão de novos instrumentos e técnicas; c) desenvolvimento de técnicas estatísticas para o estudo do caso individual; e, d) desenvolvimento de conceitos, hipóteses e teorias.

Uma das áreas mais afetadas pelo crescente interesse pela utilização da psicologia na clínica é a de medidas de personalidade. O resultado desse interesse pode ser notado no grande número de técnicas que apareceram principalmente entre as chamadas técnicas projetivas. Mas a "linguagem silenciosa da personalidade", a linguagem dos movimentos expressivos, permanece quase inexplorada, embora vários psicólogos de renome, reconhecendo a utilidade do estudo dos movimentos expressivos para a compreensão da personalidade, tenham realizado alguns trabalhos neste campo que representam contribuições curiosas mas, infelizmente, inadequadas na sua validade.

Segundo G. W. Allport, o uso do termo "expressão" em psicologia refere-se a uma das três classes de fenômenos: a) a expressão *emocional*, ou b) a expressão de uma opinião ou preferência, etc., ou ainda c) a movimento expressivos isto é, a "peculiaridades individuais na maneira de desempenhar atos adaptativos" (3, pg. 464). Somente as duas

últimas forneceria segundo esse autor informações sobre a personalidade. Porém, quer nos parecer que apesar do estudo da "expressão emocional" aparecer simplesmente como um aspecto do estudo da emoção nos antigos textos de psicologia, (\*) sua importância para o estudo da expressão da personalidade não é diminuída. Na parte seguinte procuraremos demonstrar esta afirmação com maiores pormenores.

Para W. Wolff a expressão "é o grau de tensão interna que se torna visível na forma" (39, pg. 329). A conceituação mais defensível e clara é a apresentada por R. Arnheim na afirmação: "*A expressão, . . . , pode ser definida como o "fac-símile" psicológico dos processos dinâmicos resultantes da organização dos estímulos perceptuais*" (9, pg. 163). Este ponto de vista baseado na teoria da Gestalt muito poderá contribuir para o desenvolvimento do estudo do Psicodiagnóstico, (\*) ramo de estudo da personalidade que vai aos poucos ganhando importância apesar dos psicólogos experimentalistas relutarem em considerá-lo problema científico.

Nas páginas seguintes resumiremos os estudos feitos sobre expressão emocional e movimentos expressivos e numa segunda parte relacionando estes estudos tentaremos comparar o trabalho de laboratório com uma possível contribuição da clínica ao problema de expressão da personalidade.

## I — A. EXPRESSÃO EMOCIONAL:

Através dos mais antigos escritos, os hieroglifos, e dos documentos de arte pré-histórica sabemos que o homem se interessou pela expressão emocional dos animais e de seres humanos há milhares de anos. O exemplo mais antigo de expressão como arte começa provavelmente com as formas de danças do homem primitivo.

Uma observação corrente diz que as emoções são acompanhadas por reações corporais como, movimentos faciais, gestos, mudança na respiração, etc. Esta observação envolve a existência de um estado psíquico (a emoção) que é expressa por modificações corporais voluntárias ou automáticas.

---

(\*) Infelizmente apesar do uso corrente da palavra "emoção" e seus derivados pouca atenção se dispensa a este assunto tão importante em psicologia ou em campos de estudo afins.

(\*) Psicodiagnóstico significa a abordagem da personalidade pelos seus sintomas externos, com aspecto, expressão facial, inflexão da voz, modo de andar, gestos, escrita e outras manifestações expressivas.

O estudo da expressão facial é provavelmente tão velho quanto a raça humana. Provas dessa antiguidade são encontradas nas tradições, fábulas e provérbios de todos os povos.

Os primeiros estudos sobre este assunto remontam à Grécia onde se encontram os princípios de Fisiognomonia, principalmente nos trabalhos de Aristóteles. Na sua obra "Physiognomonica", o mais antigo livro sobre o assunto, está incluída uma lista de fontes de onde são derivados os sinais fisiognomônicos: movimentos, gestos do corpo, côr, expressão facial característica, crescimento do cabelo, delicadeza da pele, voz, condições do corpo, partes do corpo, e a construção do corpo como um todo. As afirmações de Aristóteles permanecem como uma sugestão valiosa. Muitas dessas afirmações são baseadas em cuidadosas e perspicazes observações psicológicas e filosóficas que causam admiração pela compreensão paciente e acurada que revelam.

Durante o século XVI, a fisiognomonia torna-se uma ciência, independente, com muitos estudiosos. Os mais conhecidos são Porta, cujo livro "De humana physiognomie" foi publicado em 1586, e Juan Huart com o livro "Examen des esprits propres aux sciences" publicado em 1575.

Seguindo estas publicações uma contribuição importante foi a de Descartes em 1650 com o seu livro "Passions de l'âme". Com exceção da vontade que é descrita como ação da alma, todos os princípios de explicação apresentados por este autor são estritamente mecânicos. Apesar da crítica ao seu dualismo, que envolvia um método e uma natureza metafísica da alma, Descartes é considerado pelos fisiologistas como o precursor da moderna fisiologia. Na opinião de muitos é difícil encontrar um tratado sobre emoção com tanta originalidade, profunda compreensão e tão boas sugestões. Descartes discutiu as "paixões", suas causas orgânicas e mentais pelos seus sinais exteriores e explicou sua fisiologia e expressão pelas mesmas leis mecânicas. Esta teoria profunda de Descartes gozou de grande êxito entre os seus contemporâneos, mas foi logo abandonada com o advento da ciência experimental.

Buffon, um fisiologista, aparece a seguir com sua obra "Histoire naturelle, générale et particulière" (1749) puramente fisiológica na qual se ocupa com a descrição e não com a explicação da "expressão muscular difusa e local".

No fim do século XVIII e começo do XIX os fisiologistas tentam recomeçar as investigações sobre expressão emocio-

nal mas êste esforço não pode ser considerado realmente uma renovação. Um deles, Camper, preocupado com o significado morfológico da "paixão" publicou duas monografias em 1791 e 1792 respectivamente: "Discours prononcé a l'Academie de Dessin d'Amsterdam sur le moyen de représenter, d'une manière sûre, les diverses passions que se manifestent sur le visage" e "Dissertation sur les différences réelles qui présentent les traits du visage chez les hommes des différentes pays et les pierres gravées", - tenta explicar o que ocorre na alma e no corpo quando se manifestam as paixões. Na sua opinião, êste tipo de fenômeno deve ser considerado em relação com a constância e efeito sôbre os músculos dos olhos. Mas o autor não consegue realizar tão ambicioso programa.

Nos séculos XVII e XVIII a fisiognomonia descamba para o charlatanismo. No século XIX encontramos a primeira investigação científica da expressão emocional. Sir Charles Bell, cujo "Essay on the Anatomy and Physiology of Expression" foi publicado em 1806, foi o primeiro a fazer um estudo realmente científico da emoção em termos dos músculos que produzem as várias expressões faciais. A descrição de emoções de Bell, ilustrada com gravuras, causou admiração geral. Mais ou menos na mesma época (1806) se encontram várias memórias sôbre expressão emocional por Moreau de la Sarthe.

Generalizando, podemos dizer que depois de Descartes, houve especulações sôbre a questão dos mecanismos originais, causas das emoções e expressão emocional (Buffon), ou generalidades fisiológicas e psicológicas (Camper, Moreau de la Sarthe e mesmo Bell), nenhuma porém esclarecedora. Nos meados do último século, Johannes Müller, escrevia que as causas da relação entre os músculos da face e as várias paixões são ainda desconhecidas (Textbook of Physiology - trad. 1838). E, ainda alguns anos mais tarde, Wagner no "Handwörterbuch der Physiologie" repete quase a mesma afirmação. Finalmente, quando Duchenne de Boulogne recoloca o problema no livro "Mechanisme de la psychologie humaine" (1876) sua abordagem é muito especulativa e metafísica. Com a colocação do problema em tais termos na primeira parte do último século, qualquer tentativa para explicar a expressão de emoções naturais parecia impossível e o estudo poi praticamente abandonado.

Foi C. Darwin que resumiu séculos de especulações e generalizações e propôs uma sistematização no estudo da expressão facial. No seu livro "The expression of emotions in

the man and animals" (1877), êle relaciona emoções com três princípios: a) o princípio da sobrevivência; b) o princípio da antítese e, c) o princípio da ação direta do sistema nervoso. O primeiro princípio daria uma explicação para muitas expressões através do estudo da sua história, muitas expressões na sua opinião podem ser o que podemos chamar de ações degeneradas. Esta lei da sobrevivência considera a expressão simplesmente como um comportamento que contribui para a sobrevivência do organismo.

O campo de estudo da emoção foi revolucionado pela famosa e discutida teoria de William James. Segundo essa teoria as expressões determinam as emoções ao invés de serem determinadas por elas; o corpo e não a mente é o fator determinante e as emoções são somente o lado subjetivo de mudanças objetivas. Cada emoção é o resultado de uma soma de elementos, e cada elemento é causado por um processo fisiológico de natureza conhecida. O conceito de mente como uma série de mudanças subjetivas envolve o corpo como um todo, e não somente o sistema nervoso. Da maior importância para o presente tema é a afirmação de W. James sob a forma de "lei geral" de que *"todo o fato de consciência determina um movimento, e que êsse movimento se irradia por todo o organismo, e por cada uma das suas partes"*. (23, pg. 492). Está claro que, do ponto de vista fisiológico objetivo, esta consideração da emoção como concomitante e resultante de atividades corporais gerais, conhecidas psicologicamente como "expressão", é inevitável.

As teorias mencionadas acima sôbre expressão de emoções poderiam ser divididas, segundo o método empregado, em espirituais e fisiológicas, supondo uma relação da mente com o corpo como iniciante, como concomitante ou como resultante.

Acreditamos poder generalizar os estudos mencionados nas páginas precedentes dizendo que a investigação da expressão emocional foi feita por filósofos e fisiologistas interessados principalmente com o problema da origem, da causa e do mecanismo das emoções e na descrição da expressão de cada emoção nos seus menores aspectos. Procuravam saber como as emoções são expressas. Hoje a expressão é usada como um meio para obter conhecimento sôbre alguma coisa. Perguntas como: "Qual é a expressão que caracteriza esta emoção?" são consideradas hoje secundárias. "Qual é a expressão real ou típica da cólera, ou do medo?" é uma

pergunta que não tem um significado objetivo. Importante é saber: "O que esta expressão significa no contexto da personalidade?"

Como a face é o foco principal da expressão emocional ela foi o alvo da atenção de todos aqueles interessados em problemas de expressão emocional. A face foi estudada principalmente como refletindo estados emocionais temporários, não como revelando aspectos permanentes da personalidade. Mas, o rápido desenvolvimento dos estudos de personalidade levou a descobrir que o campo de estudo da fisiogonomonía é mais rico e valioso do que os psicólogos tinham suspeitado.

As questões mais representativas do estudo científico da face que podem ser relacionadas com as questões básicas do estudo da personalidade são:

a) Que fatores da face podem influir num julgamento?  
- Um primeiro estudo sobre esse problema foi o trabalho de E. Brunswik e L. Reiter (3, pg. 483). O método desses investigadores consistiu em obter o julgamento de faces simples esquematizadas e variadas sistematicamente quanto ao tamanho da boca, tamanho da testa, comprimento do nariz, etc. Os sujeitos deveriam dispor os desenhos sobre uma mesa de acordo com sete qualidades selecionadas pelos autores depois de alguns experimentos preliminares. Os autores concluíram que os elementos individuais são somados para formar a impressão de Humor e Idade e que os efeitos configuracionais dominam os elementos no julgamento da Inteligência e Energia.

C. A. Ruckmick (32) estudou a expressão facial usando fotografias cuidadosamente obtidas de faces de mulher exprimindo uma emoção. Apresentando as fotografias ele pediu aos sujeitos para escrever: a) o nome e uma descrição breve da emoção representada na fotografia e, b) um comentário descritivo sobre sua própria análise e interpretação da fotografia. Esta investigação mostrou que depois da face como um todo, a metade superior da face fornece os melhores indícios para a interpretação de uma emoção. Em ordem seguem os olhos, a metade inferior da face, a boca e finalmente, o nariz e as linhas do nariz.

D. E. Buzby (14) interessado em determinar o total de dispersão que se obtém no julgamento de várias faces típicas, usou como modelo as expressões faciais selecionadas por E. G. Boring e E. B. Titchener entre faces descritas e desenha-

das por T. Piderit. (\*) Os sujeitos foram instruídos a escolher numa lista de nomes o nome que melhor descreve a emoção. Os resultados deste experimento mostraram que a parte superior da face incluindo olhos e sobrancelhas, é mais importante para um julgamento correto da expressão facial do que a boca.

J. Frois-Wittmann (21) num experimento usando fotografias compostas, verificou que no julgamento da expressão emocional a face como um todo confere um significado a cada músculo envolvido na expressão.

M. Samuels com o objetivo específico de verificar e ampliar o trabalho de Brunswik e Reiter se propôs analisar os aspectos faciais que formam a base dos vários julgamentos e psicodiagnósticos. Na primeira investigação ele usou desenhos representando extremos opostos para cada qualidade reproduzida e projetada numa tela em pares e verificou algumas das conclusões de Brunswik e Rieter. Mas em investigações posteriores, com fotografias reais selecionadas para combinar com as medidas dos aspectos variados das faces esquematizadas, ele verificou que “a falta de uniformidade nos julgamentos, bem como as razões apresentadas pelos sujeitos para seus julgamentos, sugerem que outros indícios são mais impressivos do que os controlados” (33, pg. 26).

b) A interpretação da expressão facial é influenciada pelo exercício, pela aprendizagem, pelo desenvolvimento da percepção, ou pela inteligência? — Entre as investigações sobre este problema devem ser mencionadas as seguintes: Darwin (16) num estudo apresentou, sem uma palavra de explicação, a um grupo de sujeitos algumas fotografias que deveriam representar várias emoções e pediu um julgamento da emoção expressa. Ele verificou nos resultados uma concordância geral em algumas fotografias e pequena concordância em outras. Porém, quando se disse aos sujeitos qual era a emoção representada, todos concordaram o que o levou a afirmar que a sugestão é um fator que influi no julgamento da expressão facial.

H. S. Langfeld (28), usando as poses de Rudolph (\*\*), também procurou verificar a influência do fator sugestão apresentando cada figura uma segunda vez com um nome

---

(\*) Piderit (1859) um anatomista alemão, escreveu sobre expressão facial antes e depois de Darwin.

(\*\*) Rudolph foi um pintor que fez um estudo de expressão facial em 1903.

para ser corrigido. Em geral êle verificou que a sugestão tem um efeito considerável no julgamento da expressão.

Gates, Ghersney, Sherman e Watson, concordam que uma grande parte das interpretações de expressão facial é resultado da aprendizagem e desenvolvimento da percepção social.

Com a intenção de verificar se o julgamento da expressão facial pôde ser melhorado através de instruções e exercício, F. H. Allport (1) também realizou uma investigação usando as poses de Rudolph. Nos primeiros julgamentos resultou uma porcentagem média de 49% de julgamentos corretos e nos julgamentos obtidos depois de uma leitura compreensiva sôbre expressão facial, uma porcentagem média de 55% de julgamentos corretos. Este experimento foi repetido mais tarde por J. P. Guilford (22) e seus resultados sugerem que o exercício em análise não auxilia aquêles sujeitos que consideram a face como um todo ao julgar a expressão.

c) Quanto a expressão facial auxilia a interpretação da expressão corporal? - Um estudo único pela sua abordagem foi o realizado por W. Blake (13) sôbre a interpretação da expressão corporal excluindo a expressão facial. A face foi incluída, numa segunda parte do estudo sômente para se verificar qual é o total de informações que proporciona na interpretação científica de uma expressão corporal. Apresentando aos sujeitos uma folha com figuras para serem julgadas que representavam uma determinada expressão êle verificou que: a) há uma tendência a interpretar certas expressões do corpo como indicando determinados estados mentais e emocionais dominantes; b) quase tôdas as interpretações dependem do número de aspectos do corpo envolvidos. Numa ordem de importância, primeiro está todo o corpo, incluindo a face; segundo todo o corpo sem a face; terceiro (excluindo a face) o dorso incluindo os braços; quarto, a base incluindo pés, joelhos e cadeiras; e último, cabeça e ombros excluindo a face; c) mesmo quando a interpretação não é correta os sujeitos tendem a identificar certas características e usá-las lógica e consistentemente; d) a habilidade de interpretar expressões de fotografias se aperfeiçoa com o treino; e) há um desenvolvimento na percepção e na aprendizagem.

Os métodos usados no estudo da expressão emocional foram principalmente: a) O método de observação, muito

usado com vários graus de precisão (Darwin, por exemplo, utilizou diferentes tipos de observação: observação direta da expressão nas crianças, observações feitas por psiquiatras e, observações de expressão de animais domésticos).

b) O método de estimulação elétrica dos músculos faciais, empregado para conseguir uma reprodução artificial de uma expressão de emoção real. Os fisiologistas e psicólogos têm usado este método com a intenção de superar a sua incapacidade de produzir emoções naturais no laboratório por meios psicológicos (esta incapacidade foi superada com a apresentação dos experimentos realizados por Tamara Dembo sobre a cólera (17)).

c) O método de vivesseção, muito usado por pesquisadores como Pagano, Gemelli, Cannon, Sherrington e Bard.

d) O método de fotografia, usado desde Darwin no estudo da expressão facial como um meio de “parar” a expressão, foi e continua a ser um dos mais populares usados neste campo de estudos. O procedimento experimental consiste em tomar poses faciais que têm a intenção de exprimir determinadas emoções e apresentá-las para serem julgadas. Algumas vezes se apresenta aos sujeitos uma lista de nomes de emoção, e em outras o próprio sujeito deve emprestar à fotografia o nome que julgar mais apropriado.

E, finalmente, e) o método que consiste no desenho esquemático de faces primeiramente usado por Piederit e depois por muitos outros como foi observado nas páginas anteriores.

Pode-se dizer em geral que os métodos de estudo da expressão facial permanecem quase os mesmos através dos séculos com a exceção da introdução da fotografia.

## B. MOVIMENTOS EXPRESSIVOS:

A idéia de interrelação entre mente e corpo é uma noção antiga. Já no livro de Charles Féré “Sensation et Mouvement” (1887) pode ser encontrada uma afirmação que resume o estado do problema nessa época: “cada impressão movimenta todo o organismo”. Um grande número de experimentos confirmaram a suposição de que cada estado psíquico é representado por um movimento do corpo.

A relação estabelecida entre a mente e o corpo, hoje bastante explorada e utilizada em Medicina Psicosomática, recolocou o problema do estudo da emoção através da expressão e introduziu uma “abordagem” que apesar de nova é tam-

bém antiga no estudo da personalidade. É antiga na sua formulação fundamental e nova porque só recentemente investigada. Por exemplo, Alexander Bain afirmava sobre o problema: "Podemos conhecer o eu por meio de sinais objetivos - gestos, conduta e informações comunicadas. Não há dúvida que estas indicações objetivas apelam para os nossos sentidos mais desenvolvidos; elas podem ser delicadamente discriminadas e medidas, não são inferiores a outras próprias do conhecimento objetivo. Na realidade, são muito superiores para a discriminação da auto-consciência do indivíduo; o sorriso, a intensidade de um lamento, são mais delicadamente medidas por um observador do que o estado mental corresponde pelo próprio eu do indivíduo; tanto é assim que até o próprio auto-conhecimento é muito melhorado pela adição dessas estimativas objetivas" (11, pg. 84).

Se procurarmos na literatura alguma referência sobre movimentos expressivos encontraremos algumas citações somente nos trabalhos publicados mais recentemente. Entretanto, é interessante notar uma parte de um capítulo do livro "Outlines of Psychology" de Külpe que apresenta um ponto de vista claro sobre o assunto (26, pgs. 329-334).

Hoje se aceita sem muita discussão que o estudo da expressão é um dos meios mais naturais possíveis para o estudo da personalidade. Mas a aceitação não diminui as dificuldades do estudo da estrutura complexa e ambígua da personalidade. Alguns estudos neste campo quer no nível de expressão como no nível de impressão, devem ser mencionados em conexão com a exposição dos estudos sobre expressão facial.

Primeiro, as investigações que focalizaram um único movimento expressivo - tal como gestos, modo de andar, voz, estilo, escrita - e sua relação com a personalidade e, segundo, as investigações que estudaram uma constelação de movimentos expressivos na sua relação com problemas específicos de consistência, etc.

Por gestos se quer significar o uso dos braços, mãos e pose do corpo. Como um aspecto isolado, os gestos foram estudados experimentalmente por F. Giese dando aos sujeitos uma batuta e lhes pedindo para marcarem o compasso das várias composições musicais que ouviam. A sala onde se realizou a experiência estava às escuras e uma pequena luz na extremidade superior da batuta permitia registrar os movimentos feitos com uma máquina cinematográfica (mencionado por Allport 3, pg. 485). Os resultados dêsse experimen-

to mostraram a influência de três fatores nos gestos denominados tarefa, convenção e personalidade.

Outro estudo, por H. M. Johnson e G. E. Welgand (3, pg. 486), foi sobre pose e mudança de posição durante o sono. Nas suas conclusões os autores notaram que muitos hábitos de dormir são características estáveis da personalidade.

M. H. Krout (25) investigou o problema do gesto quanto a seu significado social e psicológico. Em experimentos de grupo, em estudos individuais intensivos e em estudos de transe hipnótico êle distinguiu gestos convencionais e gestos autísticos.

A voz como um dos aspectos da personalidade, foi estudada por T. Hear (29). Êle pediu aos sujeitos uma descrição física das pessoas cujas vozes ouviam pelo rádio. As descrições apresentadas foram em média mais corretas do que erradas.

Escrevendo sobre o estudo da maneira de andar, Allport (3, pg. 486) afirma que nas observações sobre o andar, para psicodiagnóstico, estamos atrasados. Nada foi estabelecido de científico apesar da grande quantidade de crenças populares relacionando andar e personalidade.

O estilo, considerado "o comportamento expressivo mais complexo e completo" é mais estudado em estética do que em psicologia. Um dos poucos trabalhos conhecidos é o de F. A. Allport, L. Walker e E. Cathers, denominado "Written composition and characteristic of personality" (2). (\*)

O problema da escrita e da personalidade é também muito complexo. Antes de poder determinar se existe uma relação entre escrita e personalidade necessitamos de métodos válidos para medir escrita e medir personalidade o que depende de um maior desenvolvimento teórico e experimental nesses campos de estudos. Portanto, se dependemos dessas medidas, muitos são ainda os problemas a serem resolvidos.

Como salientou G. W. Allport a grafologia não recebe dos psicólogos americanos tanta atenção quanto lhes dispensam psicólogos alemães, franceses e holandeses. Recente edição dos trabalhos de Preyer, Meyer e Klages e os recentes estudos experimentais e teóricos de R. Arnheim e H. Theiss acentuam esta observação. Os poucos trabalhos no campo procuraram verificar se existem características estáveis e as-

---

(\*) Esta forma de comportamento expressivo é incluída numa prova denominada "Teste das mãos" de H. Antipoff (8).

sim estudar a individualidade gráfica. Esse problema interessou A. S. Osborn, R. Saudek, W. Preyer, A. H. Land, J. E. Downey e W. Melcher (23).

Dois pontos de vista diferentes existem no estudo da escrita: o intuitivo ou global e o analítico. O primeiro dá ênfase aos aspectos de forma e estilo da escrita. Como afirma Klages, a essência da escrita é a sua *forma geral*. O ponto de vista analítico, por outro lado, acentua a medida de pormenores. Apesar da divergência de ponto de vista pode-se dizer que existe hoje entre os psicólogos uma tendência a valorizar o estudo desta forma "cristalizada de gesto", principalmente o estudo da relação entre escrita e personalidade.

Como é impossível observar a expressão corporal de um indivíduo em tôdas as diferentes esferas de sua atividade e em todos os seus diferentes estados de humor tentou-se uma análise, em diversas condições experimentais, de uma seleção de várias manifestações expressivas. O principal problema focalizado por êsses estudos pode ser assim resumido: Em que extensão os movimentos expressivos de um indivíduo são consistentes entre si?

G. W. Allport e P. E. Vernon ao apresentarem seu interessante estudo (7), fazem um histórico dos trabalhos realizados sobre a consistência dos movimentos expressivos. Êsses autôres notaram que os estudos dessa natureza preocuparam mais a atenção de psicólogos europeus do que americanos. Em resumo, Allport e Vernon mencionam os seguintes estudos:

N. Oseretzky apresentou um plano para o estudo da "Psychomotorik" dividido em três partes: "Motoskopie" análise e classificação de todos os tipos significativos de movimentos expressivos; "Motometrie" compreende a medida do movimento e, "Motografie" o registro do movimento. Somente a primeira parte é, segundo Allport e Vernon, uma sugestão valiosa, pois Oseretzky não publicou seus resultados sobre consistência de movimento.

W. Enke, com a finalidade de determinar se existem nos movimentos aspectos que diferenciam os tipos psicofísicos de Kretschmer, tipo pícnico e o não pícnico, estudou diferentes movimentos expressivos em relação ao problema da consistência da personalidade. Seus resultados mostram que existe uma clara diferença entre os movimentos dêsses dois tipos de personalidade.

A versão mais moderna de estudo sobre movimentos expressivos é encontrada nos estudos de W. Wolff. (39). Apli-

cando as mesmas condições para a apreensão do próprio eu e a apreensão do eu de outras pessoas, êle tentou descobrir a relação entre o reconhecimento das próprias formas de expressão e o reconhecimento daquelas de outras pessoas quando essas formas são separadas do indivíduo e experimentalmente colocadas diante de uma ou mais pessoas. Êle obteve de cada sujeito: a sua expressão vocal registrada sem o seu conhecimento; o perfil da face do sujeito; um exemplo da sua escrita; uma fotografia das suas mãos, e a sua maneira de contar uma história popular, estenograficamente registrada. Os resultados mostraram que parece que o homem possui um conhecimento inconsciente de suas verdadeiras expressão caracterológicas, e que as expressões mais significativas e também as mais complexas são as da face humana. Estas são somente duas das conclusões gerais apresentadas entre várias outras por Wolff depois dêsse extenso trabalho que pretende ser o início de uma "psicologia profunda experimental".

R. Arnheim, aplicando o método de comparação (matching method) e a observação de Wertheimer de que a escrita de Michelangelo, Da Vinci e Rafael pode ser identificada por observadores que desconhecem a quirografia de artistas, comparou citações com fotografias, escrita com "sketches" de personalidade, silhuetas com simples termos descritivos, etc. Os resultados indicaram uma comparação média correta mais ou menos duas vezes e meia maior do que se poderia esperar por acaso.

J. E. Downey é entre os psicólogos norte-americanos, a única que estudou o mesmo problema antes de Allport e Vernon. Comparando a escrita de 12 sujeitos, classificados em 20 qualidades, com as impressões de 11 juizes sôbre o andar e os gestos dos sujeitos, verificou uma correspondência em 60,5% dos casos.

A investigação mais completa no campo de estudo de movimentos expressivos é a realizada por Allport e Vernon (7). Isso não significa que êles tenham resolvido todos os problemas; o problema continua, mas o estudo foi enriquecido por esta contribuição. Na investigação de Allport e Vernon cada um dos 25 sujeitos foi estudado em três sessões experimentais individuais através de treze provas simples. A maioria dessas provas fornecia vários resultados (por exemplo, velocidade, tamanho, pressão nos movimentos); muitas foram realizadas com a mão ou pé direito e esquerdo, e muitas foram repetidas para determinar a sua validade. Guiados pelo

problema da investigação - descobrir que tipo de consistência intra-individual existe, se existe, no desempenho de movimentos normais - eles fizeram um extenso tratamento dos dados. Pelo método da correspondência e pelo método da congruência eles demonstraram que existe uma consistência apreciável entre os movimentos expressivos de uma pessoa.

P. Eisenberg (20) para verificar os resultados de Allport e Vernon sobre a consistência intra-individual nos movimentos expressivos, repetiu a investigação de uma maneira mais simples usando uma seleção limitada das provas usadas na primeira investigação. Os seus resultados indicaram também algum grau de consistência intra-individual entre os vários movimentos expressivos, confirmando assim os resultados obtidos por Allport e Vernon.

Quanto aos métodos usados nesses experimentos incluídos sob o título "movimentos expressivos", muitos são métodos gerais mencionados na parte A (pgs. 7-8). Além desses os psicólogos, destacando a finalidade de medir, introduziram o uso de provas ("teste"), aparelhos técnicos e um tratamento mais elaborado dos dados. O último método mencionado - o método de comparação - merece uma referência especial. É um método para estabelecer relações quantitativas entre aspectos qualitativos da personalidade. Sua finalidade é semelhante àquela dos métodos de correlação, mas se aplica principalmente a características psicológicas como os movimentos expressivos que não podem ser tratadas pelo método de correlação.

## II. O LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA E

### A EXPRESSÃO DA PERSONALIDADE

Duas principais direções de investigação se desenvolveram no estudo da personalidade. Uma pode ser chamada a **abordagem clínica** e a outra a **abordagem experimental**.

Como o objetivo primário dos investigadores que usam os métodos clínicos é a aplicação prática, eles se têm interessado mais em usar as técnicas do que estudá-las ou estabelecer relações entre fenômenos.

Em geral os dados obtidos pelo clínico são de três tipos: resultados de provas; informações obtidas através de todas as fontes, como as obtidas pela assistente social e as obtidas através do próprio paciente, e outras indicações fornecidas pelo comportamento do paciente na situação de prova, na

situação de consulta, etc. Esses dados são sintetizados intuitivamente e interpretados.

Não encontramos referência bibliográfica sobre estudos de movimentos expressivos em anormais, mas quase todos os livros que descrevem os vários síndromes de doença mental, ao descreverem a sintomatologia, consideram importante observar os movimentos do paciente e analisar o que expressam: os maneirismos, os movimentos estereotipados, a dismímia, a flexibilidade cética, etc. No diagnóstico da esquizofrenia catatônica sintomas como agitação alternando com estupor, atitude estereotipada cinética ou estática, são indicações importantes para completar a caracterização do caso. A dificuldade e os movimentos lentos nos estados de depressão acompanhados do profundo sentimento de tristeza manifestado na face e em todo o corpo são considerados pelos psiquiatras como indicações importantes.

Essas expressões constituem para o leigo como para o clínico indicações valiosas para conhecer a personalidade. Não é difícil para o clínico reconhecer no comportamento do paciente alguma expressão que possa auxiliar o diagnóstico do caso.

Até o presente, com raras exceções, poucas são as explicações úteis para o clínico apresentadas nos resultados de experimentos psicológicos sobre a expressão da personalidade.

Há noventa anos atrás, J. Stuart Mill, repudiava o método experimental como inteiramente impraticável no estudo da personalidade. A experimentação neste campo, segundo ele, só seria possível se acompanhasse uma criança desde os primeiros dias de vida e controlasse todos os fatores que exercem influência sobre uma pessoa. Há cinquenta anos Sir Francis Galton foi o primeiro a propor explicitamente o método experimental para o estudo da personalidade. Porém, somente nos últimos anos, a proposição de Galton foi posta em prática e os resultados mostraram que o método experimental apresenta muitas limitações quando aplicado ao estudo da personalidade.

Esta discussão nos propõe uma velha polêmica: a distinção entre a abordagem intuitiva e a analítica. A natureza da apreensão "intuitiva" da personalidade é um dos problemas mais difíceis do estudo da personalidade. De acordo com A. A. Roback (30) quando falamos de intuições incluímos talento, capacidade e "isso coloca o estudo da personalidade no campo da arte e não no da ciência". Nos últimos dez anos, várias formulações do método analítico progrediram rápida-

mente, mas o problema da intuição, embora mais frequentemente encontrado e mais familiar ao prático habilitado, recebeu pequena formulação coerente. Vernon supõe que “talvez este atraso da análise subjetiva seja responsável pela pequena validade empírica de tantos trabalhos, e pelo aparente ritmo lento de desenvolvimento. É certo que a psicologia de “gabinete”, sozinha, não resolverá os nossos problemas, mas é, como sempre foi, uma precursora essencial de muitas pesquisas experimentais produtivas” (36, pg. 151).

71 A abordagem analítica ao estudo da personalidade possui limitações inerentes. De acordo com Allport (5, pg. 260) essas limitações são as seguintes: a) o método analítico é forçado a considerar a personalidade como um fato consumado e portanto a ignorar as modificações produzidas pelas pressões do meio; b) o método analítico não pode estudar ao mesmo tempo os problemas relacionados com impressão e expressão da personalidade; c) e, por fim, esse método supõe a personalidade constituída por uma totalidade aditiva de traços individuais. Esta suposição ignora o problema da combinação de traços que é na realidade a personalidade.

72 Mas não é razoável condenar o método experimental somente porque não foi corretamente aplicado. Os resultados negativos obtidos podem ser devidos ao emprêgo de técnicas experimentais e estatísticas inadequadas. Primeiro, parece existir uma insatisfação crescente em relação às técnicas mais artificiais de laboratório, de tipo papel e lápis. A crítica focaliza o fato de não ser suficiente o contrôle da situação da prova: é necessário que essa situação e o sujeito sejam os mais naturais possíveis. É objeto de crítica o fato que com o uso do método experimental, ao invés de estudar as impressões estruturais, o investigador força abstrações de uma série de traços separados de um grupo de sujeitos, para obter variáveis que podem ser inter-relacionadas com as variáveis usadas como critério. Há um certo valor no estudo de traços isolados, mas a tarefa mais importante é descobrir métodos para o estudo da “personalidade não dividida” (4).

73 G. W. Allport propõe várias regras para o estudo experimental da personalidade: a) algum tipo de análise é essencial para o estudo científico porque “a personalidade total” é um problema vão e inacessível; b) a análise não significa estudar fragmentos de comportamento, mas sintomas bem estruturados de atitudes e traços; c) estes devem ser estudados em situações controladas; d) vários experimentos devem ser atividades tão naturais e espontâneas quanto pos-

sível f) devem ser imaginados a partir de hipóteses bem definidas; g) no estudo experimental não se pode dispensar a "intuição" do experimentador.

74 O aumento de precisão no método experimental se reflete nos trabalhos sobre movimentos expressivos. Quando os experimentos foram introduzidos no estudo da personalidade, a princípio foi emprestado muito valor às formas estáticas da expressão, isto é, à análise de elementos isolados e à determinação do valor expressivo de cada elemento. Foram assim estudadas partes da face, o andar, elementos da escrita, etc. Mais tarde, houve a tendência a evitar o estudo de "fragmentos sem sentido", a evitar destruir as configurações que são a própria essência da personalidade e das suas formas de expressão. O que é preciso é um estudo que tente padronizar, não aspectos isolados, mas padrões complexos de cada um dos modos de expressão.

75 Quer nos parecer que o pequeno desenvolvimento alcançado no estudo dos movimentos expressivos reflete o pouco que se conhece sobre a natureza da expressão. Num exame dos fatores responsáveis pelos resultados freqüentemente decepcionantes obtidos pela experimentação, Arnheim discute o fato que o reconhecimento da expressão depende de condições experimentais adequadas. Diante desta dificuldade básica ele se propôs a pergunta: O que habilita o observador a julgar a expressão?

76 Se lembrarmos que quando falamos de expressão da personalidade temos de um lado a consideração sobre um tipo de estímulo perceptual e de outro um tipo de processo mental, é fácil julgar da importância das considerações de Arnheim. Segundo este autor, nem as teorias associacionistas com suas explicações de reconhecimento da expressão através da aprendizagem, instinto ou estereótipo, nem a teoria da empatia, explicam o que ocorre na compreensão da expressão. Baseado no princípio do isomorfismo, Arnheim apresenta uma nova teoria da expressão. O princípio de isomorfismo quando aplicado à relação entre a mente e o corpo "significa que as forças que determinam o comportamento (bodily behavior) são estruturalmente semelhantes àquelas que caracterizam os estados mentais correspondentes, pode ser compreendido por que o significado psicológico pode ser lido diretamente da aparência e conduta da pessoa" (9, pg. 160). Pensando em termos de níveis de isomorfismo da pessoa observada e do observador ele conclui considerando a expressão como uma parte do

processo de percepção e apresenta a definição já mencionada (pgs. 1-2).

Em resumo, o estudo dos movimentos expressivos representa uma interessante e proveitosa abordagem do problema de personalidade. No nível de desenvolvimento da ciência psicológica este estudo tem se restringido a observações gerais e nele se sente a falta de métodos de controle mais exatos. Porém, apesar dessas limitações e apesar da relativa falta de êxito que tem caracterizado as tentativas neste campo, parece que as tentativas feitas para entender os movimentos expressivos representarão freqüentemente contribuições ao estudo do complexo problema que é a personalidade.

### BIBLIOGRAFIA:

- 1 — ALLPORT, F. H. — *Social Psychology*. Boston: Houghton Mifflin, 1924.
- 2 — ALLPORT, F. H., WALKER, L. e CATHERS, E. — Written composition and characteristics of personality. *Arch Psychol.*, 1934, 26, 82.
- 3 — ALLPORT, G. W. — *Personality. A psychological interpretation*. New York: Henry Holt, 1946, Cap. XVII.
- 4 — ALLPORT, G. W. — The study of the undivided personality. *J. abnor. soc. Psychol.*, 1924, 19, 132-141.
- 5 — ALLPORT, G. W. — The study of personality by the experimental method. *Char. and Pers.*, 1933, 1, 259-264.
- 6 — ALLPORT, G. W. and VERNON, P. E. — The field of personality. *Psychol. Bull.* 1930, 27, 677-730.
- 7 — ALLPORT, G. W. and VERNON, P. E. — *Studies in Expressive Movements*. New York: Macmillan, 1933.
- 8 — ANTIPOFF, H. — Teste das mãos. *Psyke*, 1947, 1, 3-24.
- 9 — ARNHEIM, R. — The Gestalt theory of expression. *Psychol. Rev.*, 1943, 56, 156-171.
- 10 — ARNHEIM, R. — The priority of expression. *J. aesth. art crit.*, 1949, 8, 2, 106-109.
- 11 — BAIN, A. *The emotions and the will*. New York: Appleton, 1859.
- 12 — BELL, J. E. — *Projective techniques*. New York: Longmans, Green and Co., 1948.
- 13 — BLAKE, W. — *A preliminary study of the interpretation of the bodily expression*. Teachers College, Columbia University, New York, 1938.

- 14 — BUZBY, D. E. — The interpretation of facial expression, *Amer. J. Psychol.*, 1924, 35, 602-604.
- 15 — CELLÉRIER, M. L. — Des réactions organiques accompagnant les états psychologiques. *Arch. de Psychologie*, 1919, 68, 17, 257-296.
- 16 — DARWIN, C. — *The expression of the emotions in man and animals*. Londres: John Murray, 1872.
- 17 — DEMBO, T. — Der Ärger als dynamisches Problem. *Psychol. Forsch.*, 1931, 15, 1-144.
- 18 — DOWNEY, J. E. — *Graphology and the Psychology of handwriting*. Baltimore, 1919.
- 19 — DUMAS, G. *Nouveau Traité de Psychologie*. Paris: Alcan, 1930, vol. 3.
- 20 — EISENBERG, P. — A further study in Expressive Movement. *Char. and Pers.*, 1937, 5, 296-301.
- 21 — FROIS-WITTMANN, J. — The judgement of facial expression. *J. Exp. Psychol.*, 1930, 13, 113-151.
- 22 — GUILFORD, J. P. An experiment in learning to read facial expression. *J. abnor. soc. Psychol.*, 1929/30, 24, 191-202.
- 23 — JAMES, W. — *Principles of Psychology*. New York: Holt, 1890, vol. 2.
- 24 — JANET, P. — *De l'Angoisse à l'Extase*. Paris, Alcan, 1926.
- 25 — KROUT, M. H. — The social and psychological significance of gestures. *J. Genet. Psychol.*, 1935, 47, 385-412.
- 26 — KÜLPE, O. — *Outlines of Psychology*. Londres; Swan Sonnenschein, 1901.
- 27 — LANDIS, C. — Studies of emotional reactions. A preliminary study of facial expression. *J. Exp. Psychol.*, 1924, 7, 325-341.
- 28 — LANGFELD, H. S. — Judgements of facial expression and suggestion. *Psychol. Rev.*, 1918, 25, 488-494.
- 29 — PEAR, T. H. — *Voice and personality*. Londres: Chapman and Hall, 1931.
- 30 — ROBACK, A. A. — *Personality in theory and practice*. Cambridge; Mass., Sciart Publ., 1950.
- 31 — ROSANOFF, A. J. — A theory of personality. *Psychol. Bull.*, 19, 17, 281-299.
- 32 — RUCKMICK, C. A. — A preliminary study of the emotions. *Psychol. Monogr.*, 1921, 136, 3, 30-35.
- 33 — SAMUELS, M. — Judgements of faces. *Char. and Pers.*, 1939, 8, 18-27.

- 14 — BUZBY, D. E. — The interpretation of facial expression, *Amer. J. Psychol.*, 1924, 35, 602-604.
- 15 — CELLÉRIER, M. L. — Des réactions organiques accompagnant les états psychologiques. *Arch. de Psychologie*, 1919, 68, 17, 257-296.
- 16 — DARWIN, C. — *The expression of the emotions in man and animals*. Londres: John Murray, 1872.
- 17 — DEMBO, T. — Der Ärger als dynamisches Problem. *Psychol. Forsch.*, 1931, 15, 1-144.
- 18 — DOWNEY, J. E. — *Graphology and the Psychology of handwriting*. Baltimore, 1919.
- 19 — DUMAS, G. *Nouveau Traité de Psychologie*. Paris: Alcan, 1930, vol. 3.
- 20 — EISENBERG, P. — A further study in Expressive Movement. *Char. and Pers.*, 1937, 5, 296-301.
- 21 — FROIS-WITTMANN, J. — The judgement of facial expression. *J. Exp. Psychol.*, 1930, 13, 113-151.
- 22 — GUILFORD, J. P. An experiment in learning to read facial expression. *J. abnor. soc. Psychol.*, 1929/30, 24, 191-202.
- 23 — JAMES, W. — *Principles of Psychology*. New York: Holt, 1890, vol. 2.
- 24 — JANET, P. — *De l'Angoisse à l'Extase*. Paris, Alcan, 1926.
- 25 — KROUT, M. H. — The social and psychological significance of gestures. *J. Genet. Psychol.*, 1935, 47, 385-412.
- 26 — KÜLPE, O. — *Outlines of Psychology*. Londres; Swan Sonnenschein, 1901.
- 27 — LANDIS, C. — Studies of emotional reactions. A preliminary study of facial expression. *J. Exp. Psychol.*, 1924, 7, 325-341.
- 28 — LANGFELD, H. S. — Judgements of facial expression and suggestion. *Psychol. Rev.*, 1918, 25, 488-494.
- 29 — PEAR, T. H. — *Voice and personality*. Londres: Chapman and Hall, 1931.
- 30 — ROBACK, A. A. — *Personality in theory and practice*. Cambridge; Mass., Sciart Publ., 1950.
- 31 — ROSANOFF, A. J. — A theory of personality. *Psychol. Bull.*, 19, 17, 281-299.
- 32 — RUCKMICK, C. A. — A preliminary study of the emotions. *Psychol. Monogr.*, 1921, 136, 3, 30-35.
- 33 — SAMUELS, M. — Judgements of faces. *Char. and. Pers.*, 1939, 8, 18-27.